



Isleide Arruda Fontenelle
FGV-EAESP
isleide.fontenelle@fgv.br

Eu, Proteu

CARREIRA, NO SENTIDO ORIGINAL NA LÍNGUA INGLESA, PROVENIENTE DO FRANCÊS E DO LATIM JÁ COM ESSE SENTIDO, SIGNIFICA “ESTRADA PARA CARRUAGENS”

Durante o século XX, porém, no contexto de uma sociedade industrial, essa concepção foi assimilada pelas organizações como uma estrada para a progressão profissional ao longo da vida e, portanto, como promessa de mobilidade social. Para funcionar, tal modelo também requeria certa estabilidade no emprego e uma progressão linear baseada em uma descrição fixa e verticalizada dos cargos e em uma avaliação de desempenho a ela relacionada.

Esse modelo tradicional de carreira começou a ser sacudido por transformações no ambiente socioeconômico desde o final do século XX, e a idéia da “autogestão da carreira” surgiu como reflexo dos fatos concretos que a geraram, tais como flexibilidade do emprego, gestão do conhecimento e compressão do tempo. Foi também impulsionado por uma retórica apoiada em promessas de autonomia, autoconhecimento e sucesso psicológico. Alguns autores explicam esse novo modelo de carreira recorrendo a Proteu, personagem da mitologia grega.

Assim, a “carreira proteana” pode ser tomada como uma metáfora da autogestão da carreira na atualidade: Proteu é um mito das águas, um dos velhos do mar, filho de Oceano e Tétis, que, dentre outras habilidades, dispunha do dom de adivinhar o futuro e da capacidade de assumir diferentes formas, tantas quantas fossem necessárias para sobreviver aos ambientes mais inóspitos.

Ampliando o uso do mito de Proteu, o psicólogo Robert Jay Lifton propõe o termo “eu proteu” como uma maneira contemporânea de pensar o sujeito moderno, que vive cada vez mais a experiência de um tempo fluido. Nessas circunstâncias, consegue ser um eu maleável, multiforme, camaleônico, disposto a assumir quantas identidades forem necessárias para a sua sobrevivência social.

Trazido para o contexto da carreira, o “eu, Proteu” se encarna na concepção de um profissional flexível, capaz de gerir o presente e o futuro de seu trabalho, assumindo o sucesso e o fracasso de seu empreendimento. Gerir a carreira equivale então a desenvolver a capacidade de responder, por si mesmo, às exigências da realidade assumindo diferentes formas ou papéis, continuamente pressionado pela necessidade de capacitação para vencer um ambiente em mutação.

O modelo de carreira “Proteu” já permeia o discurso de muitas organizações, da mídia de negócios e dos cursos profissionalizantes e de educação contínua. Apesar de ser um modelo repleto de contradições, apresenta-se como reflexo perfeito de um tempo no qual só o futuro parece contar, e de um mundo que, como sugere o sociólogo Zygmunt Bauman, pode ser comparado a um deserto onde, em vez de um caminho certo e seguro, só existem pegadas que podem indicar muitas direções ou ainda ser apagadas pelo vento. ✖